



Terça-feira, 20h00, Teatro Galpão, com Néio Lúcio agitando uma "Feira de Música", o espaço que abriu portas para muitos grupos

No tempo em que a 508 estava muito viva

Se hoje fala-se muito em "ruínas e quedas" é bom lembrar que já houve projeto e ação

Tetê Catalão

Editor Assistente

Brasília tem alta rotatividade. É comum ter que "explicar" periodicamente o processo da cidade pela constante modificação de quadros, amnésia de governantes (ou gente que chega ao poder e "esquece"), ou pelo descaso da cidade "quintal" submetida aos biônicos de plantão sem a menor relação amorosa e histórica com a cidade. A 508 Sul já foi VIDA. Foi sim! Agora quando só se fala em japoneses e escombros vale lembrar os momentos vivos do espaço para não deixar a coisa no tom chororô tão comum à mendicância artística que troca de lado dependendo do financiamento à vista.

Uzyna

O espaço da 508 começou quando Wladimir Murtinho sentia-se atado como secretário e precisava fazer frente ao inercial canapés da Fundação Cultural (a maldita diáspora entre FCPF e SC). O espaço nascia como Centro de Criatividade para incendiar a cidade. Na época entregamos o Programa-Manifesto intitulado "Brasília em trabalho de parto" (1976). Como apêndice ainda mais radical do Centro havia o "Balão de Ensaios", uma geodésica, circo ambulante, cósmico, para funcionar como vanguarda (canjas mtsais de Smétak, Hermeto, Zé Celso e Odette Ernst Dias). O projeto era de Sérgio Prado, ficava na frente da Escola Parque e foi destruído a marretadas pelo Governo como "impróprio". Até hoje rola o processo de indenização por danos materiais, já que a interrupção do processo cultural não tem reparos.

Processo

E o tal Programa? Basicamente queríamos a prática e o entendimento da Cultura como processo e não a ênfase no produto. Ou seja, Arte é "subproduto da Cultura". É evento e resultado. Interessava a inquietação, a consciência, a atitude, a libertação e o crescimento da pessoa, a construção cidadã, o desblo-

queamento das coraças sociais, o expurgo das culpas, a participação, a militância apaixonada (sem ranço ideológico), a expressão artística tendo chance de ERRAR no autoburilamento. Deixar que a própria cidade definisse a "política cultural". O Estado gerenciava EQUIPAMENTOS, ESPAÇOS e INFORMAÇÕES, apenas para instrumentalizar o FAZER (o ACONTECER, evento, viria do jeito que viesse). Sem tutelas e "soberanos de gabinetes" com suas idéias "maravilhosas". A gestão da praça pública. Isto não foi romance, pois no período da gestão do Luís Humberto (apenas oito meses) esta pauleira foi concreta e semeou o quanto pôde. O projeto foi amputado por: validade das gestões que "descem biônicas" e querem se afirmar; incompetência de governante que só pensa a curto prazo para "encher relatórios de realizações", ou capricho megalomaniaco da história contada pelos poderosos.

Fertilidade

A característica maior destes Projetos era o baixo custo e a alta eficiência. O "defeito": não dava bola para os "grandes nomes" e as "megapromoções". Foi uma opção emergencial do momento. E daí? Sem fazer proselitismo "popular engajado", sem mitificar o "ídolo-pés-de-barro-povo", os Projetos só cresciam porque todos se sentiam cúmplices: "era nosso". Éta, mágica besta para motivar, né? Programas como "Cara a Cara" (o artista nacional vem para fazer o espetáculo e dá um tempinho para um papo ou uma oficina com a cidade), o "Ensaio Geral" (aberto ao pessoal de arte sem grana para o show mais ligado no processo de ajuste do ensaio), "Folha de Espera" (programa-revista, cultural informativo), "Dos Pés à Cabeça" (danças fora da órbita e até terapias), "Circuito Satélite" (ampliação do Concerto Cabeças nos locais), "Feira da Música" ("point" para o exercício potencial e a distribuição de concertos menores), "Jogo de Cena" (o teatro em exercício, tinha seu besteirol antes do "TV Pirava" e era "ao vivo" no Galpãozinho), "Saraus", "O Cami-



Concerto no Paranoá, reflexo da motivação

nho da Roça" (programa Museu Fazenda com sensibilização ambiental tirando partido da imensa oferta de natureza que Brasília dá), "Cata Sucata" (reciclagem de lixo reaproveitável em objetos, brinquedos), "Videoverbo" (ação na linguagem e na documentação). E mais as mostras, seminários e os cursos regulares. Só de raiva, mais um pouco: "Pedal da Pé" (passeios e trilhas sobre bicicleta na cidade), "Festival do Gramado" (mostra de vídeos na grama, ao ar livre), a volta do "Clube do Choro", criação de uma "Audioteca Internacional" com apoio (doação

de obras) de todos os adidos culturais de embaixadas, "Boca de Cena" (leituras de textos), "Arte Postal", criação da "Galeria da Galera" (na Rodoviária, quando se queria o "Gran Circo" em Taguatinga e não na Esplanada), "Pyndura" (jornal de bar, mural), "Não Durma no Ponto" (jornal mural pendurado nos pontos de ônibus), "Cabeças no Parque", "Leitura no Parque" (com a Secretaria de Educação), força para as "pracinhas" na Asa Norte (força, ao Bom Demais e as tentativas do Zeka Valadares em diversas entrequadras com o comércio local), traba-

lho com os idosos do Sesc, e usos múltiplos na Torre de TV.

E daí?

O que se queria era a atitude não o "artista". Entendeu-se a cidade como potencial, sem chances de sedimentar uma cultura. Uma colagem febril imersa nas contradições maiores do País. Uma cidade deslocada da indústria, dos meios de produção cultural. O Estado viria para bancar o pesado. A cidade direcionava o uso. Não veria nada "pronto". Nada "novo" se criaria. Injetar sobre o que já vinha funcionando ou estava embrionário. A 508 era o núcleo das oficinas e espaço para mostrar resultados. Cultura não era propriedade de intelectuais. Isto é erudição, outra coisa. Como a cidade não tinha chance de acontecer, primeiro ela deveria exercer o fazer. E fazer mesmo, sem discriminação. A "cidade casada" (no dizer de Tancredo) precisava encontrar momentos de contatos, estabelecer uma rede, quebrar o anonimato. Criar pesquisas para estabelecer o perfil do consumidor de arte, dos artistas e possibilidades de produção. Dar a "vocaçã" de cada sala. Amortizar custos pela ligação com o Centro-Oeste (só Rio Verde e Goiânia deu alguma coisa). Abrir para a UnB e dar extensões ao trabalho na rede escolar. Considerar que o "meio ambiente começa no meio da gente". Embasar a captação de recursos para evitar o pires na mão paternal. Enfim, nesta luta, a defesa conceitual se dava pela radical organicidade das Assessorias (dizimadas da Fundação Cultural e que, por falta de coragem, ou excesso de estratégia, até hoje não voltaram); literatura não era só o livro mas o texto senso amplo (na publicidade, no graffiti, nos "causos", no oral etc); artes plásticas também pelo "design" e o objeto; teatro também pelo cotidiano e as "máscaras" e personas do dia-a-dia; núcleos de apoio à produção e não o "vício da Lei Sarney" onde só chove na horta de quem já produz e já é um "grande nome". Enfim: equipamentos, espaços e informação. Apenas, instrumentalizar o fazer. Não dar o fogo mas a faísca. Quem explode é a comunidade.